



Reflexões sobre Agroecologia em Escolas do Campo no Município de Goiás

Rejane Medeiros¹, Eduardo B. de Oliveira² e Gleida G. da Silva Melo³.

¹Especialista em Agroecologia e Educação, Mestre em Educação e Doutoranda em Sociologia, todos pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFG), Campus de Tocantinópolis, Curso de Educação do Campo. E-mail: rejmedeiros@uft.edu.br; ²Graduado em Geografia pela UEG, campus Cora Coralina, Goiás-GO. E-mail: dududobarro@hotmail.com; ³Graduada em Geografia pela Universidade do Estado de Goiás (UEG), campus Cora Coralina, Goiás-GO. E-mail: gleidagutielle@hotmail.com.

Resumo: O artigo tem por objetivo apresentar a experiência de um projeto de extensão e pesquisa em Educação em Agroecologia, desenvolvido por pesquisadores/as e estudantes da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Cora Coralina-GO, através do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo - *Gwatá*, que desenvolve várias ações em parcerias com os camponeses, organizações sociais, Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Instituto Federal de Goiás (IFG) e com as escolas do Campo do município de Goiás. A metodologia desenvolvida foi a pesquisa-ação. Buscou-se trabalhar de forma interdisciplinar os temas da agroecologia com alunos/as da Educação Infantil ao Ensino Fundamental etapa I e II e cursos para os pais e professores. O projeto contribuiu para publicizar reflexões sobre educação em agroecologia junto aos professores, pais e alunos/as.

Palavras-chave: Educação em agroecologia; Escolas do campo; Práticas agroecológica.

1. Introdução

A agroecologia tem como matriz de produção a defesa da vida, em suas diferentes dimensões e na sua diversidade, capaz de transformar a cultura da produção no campo. Sobretudo, levando em consideração os sujeitos que nele vivem. “No território onde se inserem os processos educativos é visto como o espaço da diversidade e da construção do conhecimento por excelência. É também no território



diverso onde se estabelecem as relações entre o campo e a cidade, que merecem ser vistas como potencializadoras de processos endógenos e de complementaridade” (I SNEA, 2013, p. 8).

Nesse sentido, este princípio aponta que os processos educativos em agroecologia devem ser orientadores de uma prática que tem como premissa a defesa e o reconhecimento do território onde os sujeitos estão inseridos, isto porque:

(...) considerando toda a sua complexidade e diversidade ecossistêmica e social e como espaço em disputa e conflito entre os diferentes setores socioeconômicos; valores e conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais como fonte de ensinamentos ecológicos e culturais essenciais para a conservação da biodiversidade e a construção da sustentabilidade; Reconhecimento e valorização dos povos e comunidades tradicionais do campo e da cidade, especialmente o/a agricultor/a familiar e camponês/a (quilombolas, pescadores artesanais, ribeirinhos, extrativistas, moradores de fundo de pastos, faxinalenses, marisqueiras, quebradeiras de coco babaçu, indígenas e outros) e os diferentes movimentos e organizações sociais, considerando as questões de gênero, diversidade sexual, étnica e geracional e reafirmando o território como espaço de identidades e de culturas; (I SNEA, 2013, p. 09).

Partindo dessas premissas e compreendendo a complexa conjuntura atual da sociedade brasileira, o avanço das forças conservadoras que ameaçam os direitos dos povos do campo, da floresta e das águas, as rupturas no sistema democrático, o desmonte das políticas sociais e, especialmente o retrocesso político que o país está mergulhado, é que um projeto de agroecologia nas escolas faz-se imprescindível e deve ser combativo do ponto de vista das lutas pelos direitos dos povos que vivem no campo e de práticas que revelem outro projeto de sociedade.

Nesta perspectiva, o projeto agroecologia nas escolas busca estabelecer diálogos de trocas de saberes com educadoras/ educadores, camponesas/ camponeses, movimentos sociais, pais e estudantes das escolas do campo do município de Goiás envolvidos no projeto de extensão, pesquisadores, integrantes do núcleo *Gwatá* da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Cora Coralina na cidade de Goiás.

Assim, o objetivo deste texto é apresentar a experiência de um projeto de extensão e pesquisa em Educação em Agroecologia, desenvolvido por pesquisadores e estudantes do núcleo de agroecologia *Gwatá*. As ações ocorreram em parcerias com os camponeses, organizações sociais, Escola Família



Agrícola (EFAGO), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Instituto Federal de Goiás (IFG) e com as escolas do Campo do município de Goiás. Cujas metodologias desenvolvidas foram pesquisa-ação. Buscou-se tratar de forma interdisciplinar os temas da agroecologia através de práticas agroecológicas com alunos/as da Educação Infantil ao Ensino Fundamental etapa I e II, bem como, promover reflexões com pais e professores sobre a importância das práticas de agroecologia nas escolas. Desenvolveram-se atividades de ensino de agroecologia, no âmbito dos *Temas Transversais*, cursos de formação e experiências práticas com camponeses do entorno das Escolas e também promoção de processos de formação com professores das Escolas do Campo do município de Goiás, abordando as temáticas relacionadas à agroecologia.

2. Histórico e objetivo da experiência

O Projeto Agroecologia na Escola foi uma construção a partir de reflexões surgidas no Núcleo de Agroecologia – *Gwatá*, em decorrência do desenvolvimento de ações em 2015, do projeto Agroecologia e Educação do Campo: pesquisa, ação e reflexão a partir do território da cidadania vale do rio vermelho (Edital 39/2014 do MDA/CNPQ), da importância de práticas agroecológicas para obtenção de alimentação saudável e, também, da necessidade de refletir sobre os modelos de produção e consumo, bem como, promover reflexões sobre a construção e a hegemonia do projeto da agricultura camponesa. Para Caldart (2015):

Os alimentos são a base de sustentação da vida humana, toda ela e em qualquer tempo. Tratar seriamente deles na escola é dever de educadores comprometidos com o ser humano [...]. Todos os estudantes têm o direito de saber que a agroecologia existe e o que defende [...] o fio a desenrolar a propósito da agroecologia, é a redefinição dos conteúdos e da forma de estudo sobre a natureza (CALDART, 2015, p. 6).

Nesse sentido, desenvolveram-se experiências de práticas e de ensino em agroecologia, levando em consideração fatores sociais, econômicos, ambientais e culturais - locais e regionais, buscando contribuir com a formação e desenvolvimento de crianças e jovens, alunos e alunas das diferentes fases nas escolas municipais do campo em Goiás (Mapa com a localização das escolas- Figura 1).



As escolas na qual a experiência ocorreu estão situadas no campo, são elas: Escola Holanda, localizada no Projeto de Assentamento Holanda, Terezinha de Jesus Rocha localizada no Distrito de Buenolândia e Olympia Angélica de Lima no Projeto de Assentamento São Carlos. Todas as escolas atendem a educação infantil e Ensino Fundamental I e II e são escolas que ficam no Território do Rio Vermelho-GO.

Como objetivos, o projeto buscou: promover processos de formação com professores das Escolas do Campo do município de Goiás, abordando as temáticas relacionadas à agroecologia, educação ambiental e temas correlatos; implementar experiências práticas em agroecologia; desenvolver cursos de formação e experiências práticas com camponeses do entorno das Escolas e construir experimentalmente uma matriz de conteúdo e material didático para o ensino de agroecologia para educação infantil e ensino fundamental.

3. Objetivo do Texto

Apresentar a experiência de um projeto de extensão em agroecologia desenvolvido nas escolas do Campo do município de Goiás.

4. Descrição e reflexões sobre a experiência

No âmbito do Projeto Agroecologia nas Escolas, foram desenvolvidas ações agroecológicas na escola Olympia, onde construiu-se uma estufa para uma horta agroecológica, plantio de lavoura de milho crioulo e plantio de mudas frutíferas; na escola Terezinha construiu uma estufa para produção de hortaliças, e plantio de adubação verde; na escola Holanda foi construído a estufa para produção de hortaliças, com vistas à produção de mudas para um sistema agroflorestal.

A partir de tais experiências e das ações já desenvolvidas pelos professores e extensionistas, foi elaborado uma agenda de ações ligadas ao ensino para as atividades práticas agroecológicas a serem desenvolvidas nas diferentes escolas do campo. Partiu-se também dos conteúdos das diferentes



disciplinas do currículo escolar, cujos conteúdos aproximam-se com os conteúdos da agroecologia, numa perspectiva interdisciplinar.

As atividades realizaram-se no âmbito curricular dos Temas Transversais em diálogo com as disciplinas obrigatórias e suas diversas fases, na busca de inserir possíveis conteúdos de agroecologia, que pudessem contribuir com os processos de ensino-aprendizagem dos estudantes. Além dessa relação direta com a sala de aula, foram realizadas a formação de professores, a implementação de práticas em agroecologia e cursos de formação a partir das experiências com camponeses do entorno da escola, bem como, os pais dos alunos. Como meta o projeto visou construir experimentalmente uma matriz curricular de conteúdo e material didático para o Ensino de Agroecologia na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, tanto da primeira, quanto da segunda fase. Como ampliação do projeto tem-se a entrega de uma cartilha e da proposta de um currículo com conteúdo em agroecologia previstos para dezembro de 2016 (a proposta está sendo elaborada, assim como a cartilha).

Entre as temáticas trabalhadas nas escolas estão: história da agricultura e conhecimentos tradicionais dos agricultores familiares camponeses; bioma Cerrado e suas características físicas, sociais, econômicas e culturais; produção agroecológica de frutas do Cerrado e comerciais; recursos hídricos e sua importância para a agricultura e sociedade de forma geral; biodiversidade, extrativismo e agrobiodiversidade no Cerrado; produção de insumos agroecológicos para a produção agropecuária; produção de sementes e mudas de variedade; produção animal agroecológica; horticultura agroecológica; plantas medicinais e medicina natural; a questão dos agrotóxicos e alimentação saudável; bioconstrução e utilização de materiais alternativos; organização social/política, questão agrária brasileira agrofloresta e corredores agroecológicos; recuperação e conservação de nascentes.

Ocorreram também, reuniões mensais com professores e funcionários da escola, para planejamento e formação (Trabalho Coletivo); reuniões bimestrais com pais e comunidade local relacionada à escola, para formação e planejamento de atividades (Plantão Pedagógico); cursos periódicos de formação em práticas agroecológicas para pais de alunos e comunidade e; desenvolvimento de atividades práticas na residência de alunos das escolas. Como concepção de educação que permeou o projeto de agroecologia e educação buscou-se em Brandão (2002), a



concepção mais ampla do conceito de educação que vê uma inter-relação entre cultura e a educação. No qual o autor afirma, que a cultura como natureza transformada e significada pelo homem, deve ser produzida para garantir a realização da condição humana no mundo. Constitui um processo por meio do qual os homens orientam suas ações e dão significados a elas.

Nesse processo ocorrem saberes que são transmitidos entre os indivíduos e os grupos sociais. Ocorre, portanto uma educação. Para o autor:

[...] mais do que seres ‘morais’ ou ‘racionais’, nós somos seres aprendentes. Somos, de todo o arco íris de alternativas de vida, os únicos seres em quem a aprendizagem não apenas complementa frações de um saber da espécie geneticamente em cada um de seus indivíduos, mas, ao contrário, representa quase tudo o que um indivíduo de nossa espécie precisa saber para vir a ser uma pessoa humana em sua vida cotidiana (BRANDÃO, 2002, p.25).

A educação resulta de processos de interação de saberes mais amplos, que envolvem toda a vida. São sempre o resultado de interações significativas da pessoa com ela mesma, na interação com o outro enquanto sujeitos sociais e como categorias diferenciais de sociabilidade e de pessoas com sistemas e estruturas de símbolos e significados (BRANDÃO, 2002). Por esta razão:

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. E realiza isto através de incorporar em diferentes instâncias de seus domínios pessoais de interação (muito maior do que de ‘estocagem’) de e entre afetos, sensações, sentidos e saberes, algo mais e mais desafiadoramente denso e profundo destes mesmos atributos. (BRANDÃO, 2002, p. 26).

A ideia de cultura está contida na de trabalho como modo humano de ação consciente sobre o mundo, história como espaço de realização e produção do trabalho humano. Nesse movimento dialético, constitutivo das relações entre o homem e a natureza e dos homens entre si, por meio de um movimento, é que o ser humano cria a cultura e faz a história. O trabalho que transforma e significa o mundo é o mesmo que transforma e significa o homem. É prática coletiva. Como ser histórico o homem é um ser cultural, isso ocorre na medida em que transforma a natureza ele a humaniza,



reconhecendo o outro ele se humaniza. Pensar coletivo sobre o mundo por meio do trabalho é um pensar social na e sobre a história, que é produto do trabalho coletivo.

Este também é o sentido da educação partilhado por Paulo Freire (1987), como prática da liberdade, onde ocorre a presença de uma concepção que pensa como político o trabalho do homem. Assim, a educação é “[...] estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se e conquistar-se, conquistar sua forma humana” (FREIRE, 1987, p.13).

Nesse sentido, o princípio que orienta educação em agroecologia consiste em:

Promoção de práticas emancipatórias, visando à autonomia e o protagonismo dos sujeitos na construção de relações sociais justas e solidárias e da consciência planetária; [...] Prática pedagógica comprometida com a transformação social, visando formar profissionais que coloquem os seus conhecimentos a serviço das classes populares e da conservação da natureza; 4. Processos de aprendizagem coletivos que promovam a auto-organização, a autogestão e o empoderamento dos sujeitos, visando o bem comum no campo e nas cidades; [...] Formação referenciada na realidade, tomando a vivência das comunidades como conteúdos problematizadores para o processo de ensino aprendizagem, A escola como o lócus para reflexão e ação transformadora sobre os problemas sociais e ecológicos geradores da insustentabilidade do planeta. (SNEA, 2013, p.12-13).

A razão para desenvolver uma Educação em Agroecologia nas escolas é para Caldart (2015), a vocação humanista das escolas do campo, a defesa e valorização da vida em suas diferentes dimensões e, especialmente na sua diversidade. As escolas do campo têm como desafio trabalhar pela construção e a hegemonia do projeto da agricultura camponesa.

Isso porque entende-se a agroecologia enquanto produção e reprodução da vida no campo, pois potencializa novos saberes e assegura a soberania alimentar das populações que vivem no campo e na cidade. Respeitando a diversidade ecológica e sociocultural como define Guzmán (2001), a agroecologia favorece a elaboração de outra cultura que pode conter elementos de desenvolvimento rural centrado na construção e reconstrução do conhecimento local, como estratégias para processos de transição agroecológica. Ademais, a agroecologia contém elemento político, que pode potencializar a



participação das comunidades nos processos sociais. Construir a partir dessa perspectiva uma educação emancipatória.

Para Altieri (2012) a agroecologia vai além do uso de práticas sustentáveis e do desenvolvimento de agroecossistemas, com baixa dependência de agroquímicos e insumos externos, sempre buscando restabelecer a racionalidade mais ecológica na produção agrícola. Podemos enfatizar a agroecologia na construção e valoração dos recursos locais, jeito camponês de cultivar alimentos, evolução e prática da troca de saber tradicional e científico. Em acordo com o exposto acima, Assis (2006) enfatiza que a agroecologia possui, como premissa básica, uma produção agrícola que não agrida ao meio ambiente, resgate da lógica da complexidade existente nas comunidades camponesas com seus conhecimentos empíricos, aliando a ciência agroecológica com viés voltado para a agricultura camponesa.

Para Hoeller e Silva (2013), a agroecologia propõe um ajuste de conduta nesta relação, nos desafia a respeitar e potencializar essa premissa construindo o máximo da funcionalidade ecológica dentro dos agroecossistemas. Para tanto, entendemos que a agroecologia tem muito a ser desmistificada, construída e descoberta, mesmo com a existência do saber empírico, é necessário aliar o conhecimento científico para que possamos alcançar ainda mais sucesso na busca por uma agricultura cada vez mais sustentável.

Em relação ao acolhimento e participação dos professores no projeto de extensão, ocorreu de forma ainda tímida, alguns participaram ativamente, enquanto outros que trabalham na condição de contrato no município, muitas vezes têm dificuldades de sua inserção no desenvolvimento da escola devido a sua extensa carga horária em outras escolas (particular).

Os integrantes do projeto receberam formação sobre currículo, e como fortalecer o ensino da agroecologia nas escolas a partir de práticas agroecológicas. A formação ocorreu quinzenalmente no núcleo do *Gwatá* com formação em temas relacionados ao currículo e agroecologia.

5. Considerações Finais



O objetivo do artigo foi apresentar experiência de agroecologia nas escolas do campo em Goiás e refletir sobre o papel da educação no processo de organização social dos camponeses a partir das práticas em agroecologia. Destacando que a educação representa um processo de interação entre os sujeitos da mesma geração e de gerações diferentes, possibilitando aprendizagens. Um processo que se constrói nos diálogos de saberes intercambiados. Isso importa, sobretudo pela difusão dos saberes agroecológicos desenvolvidas por comunidades tradicionais e repassadas às gerações mais novas. Uma vez que a agroecologia significa produção e reprodução da vida no campo, potencializa saberes e assegura a soberania alimentar das populações do campo e da cidade.

A experiência indicou que as escolas participantes do projeto não apresentam na sua estrutura curricular conteúdos relacionados à agroecologia, nem na parte do núcleo comum e nem na diversificada do currículo, o que dificultou as ações de ensino. O que se apresenta são possíveis conteúdos curriculares obrigatórios que podem ser trabalhados juntamente com os conteúdos acerca desta temática.

Mas, isto conduz a um problema, na possibilidade de concorrência dos conteúdos, pois as disciplinas obrigatórias têm uma abordagem diferente da agroecologia, já que cada uma tem sua ciência e sua forma de apresentar uma leitura do objeto como, por exemplo, o solo: a Geografia, a Engenharia, Arquitetura, Agronomia possuem uma abordagem que difere da Agroecologia, pois vê o solo como elemento da vida em relação à biodiversidade, e não apenas um pensamento estante que favorece matéria-prima ou para sustentação de uma casa. Daí surge, para superação desta dificuldade, a necessidade de um espaço, seja como disciplina ou não, mas que apresente uma matriz voltada para trabalhar os conteúdos da agroecologia durante o ano letivo nas diversas fases do ensino, infantil, fundamental e médio, e que contribua com o ensino de elementos da vida e da cultura do campo, devido a presença das escolas em assentamentos e porque seus estudantes são oriundos da roça.

Como desafio fica a questão da organização de uma proposta curricular para o município, que será apresentada e depois entregue a Secretaria de Educação do Município de Goiás. O projeto contribuiu ainda para publicitar o debate sobre produção e alimentação, uso dos agrotóxicos, tensões vivenciadas no campo provocadas pelo agronegócio e a certeza de que é possível outra forma de



organização da sociedade. E, sobretudo, que é possível outra cultura de produção de alimentos no campo e uma escola voltada para a vida.

Referências

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. ed. rev. amplo. São Paulo: Ed. Expressão Popular/ASPTA, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas-SP: Mercado das Letras: 2002.

CALDART, Roseli Salette. *Escolas do campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida*, 2015, mimeo.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. *Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia*. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre, v, 2, n.1, jan/mar, 2001.

HOELLER, Silvana Cassia; SILVA, Valentim (orgs.). *Projovem Campo e Saberes da Terra: transição agroecológica em sistemas de produção*. Matinhos: Ed. UFPR Litoral, 2013.

Princípios e as Diretrizes da Educação em agroecologia- I SNEA, Recife, 2013. Disponível em <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas>. Acesso em 30 de agosto de 2016.

ANEXOS

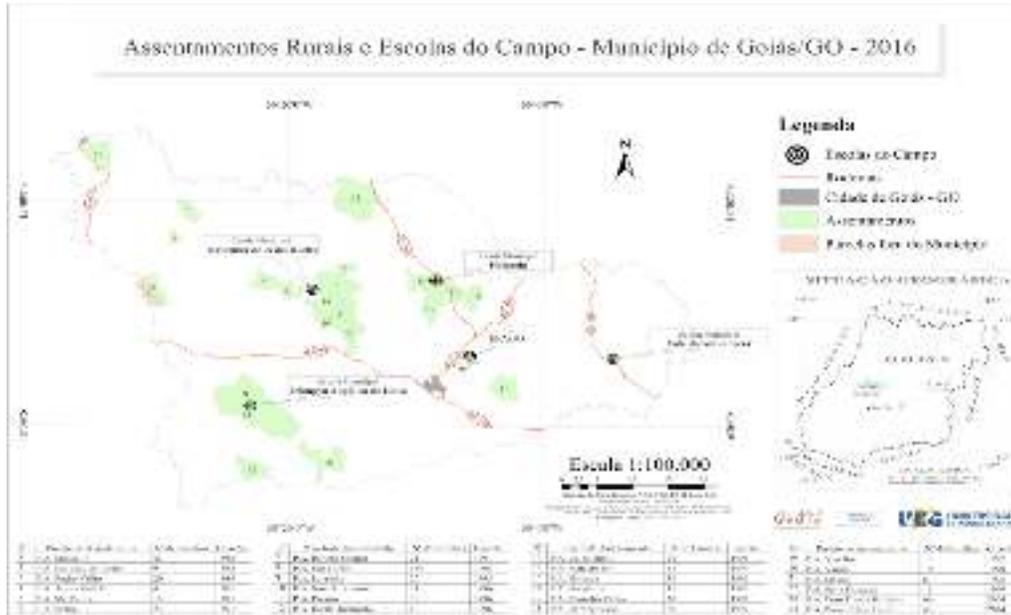


Figura 1. Mapa da localização das escolas do campo- Municípios de Goiás.
Fonte: Org. SOUZA, Janiel Divino de, 2016.



Figura 2. Escola Olympia Angélica de Lima.
Fonte: arquivo Gwatá, 2016.



Figura 3. Escola Holanda.
Fonte: arquivo Gwatá, 2016.



Figura 4. Escola Terezinha de Jesus Rocha.
Fonte: arquivo Gwatá, 2015.